

PESQUISAS

Antropologia, nr. 8

Ano de 1969

ALFREDO ROHR, S. J.

PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

N.º II — 1959



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Porto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

Antropologia, nr. 8

Ano de 1969

ALFREDO ROHR, S. J.

PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

N.º II — 1959



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Porto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

N.º II. — 1959

Alfredo Rohr, S. J. — Florianópolis

A. NA RESSACADA

Em trabalho anterior, publicado em Pesquisas de 1959, vimos que a Ilha de Santa Catarina abriga número muito elevado de monumentos páleo-etnográficos. O homem primitivo não somente deixou na Ilha marcos indeléveis da sua passagem, mas êle mesmo se apresenta ainda hoje, como que em pessoa, nos seus esqueletos.

O aparecimento dêstes esqueletos, nos campos, roças e praias da Ilha, é ocorrência tão corriqueira, que o morador atual, do extremo Norte ao extremo Sul da Ilha, a êles se refere com a maior naturalidade, tomando-os como testemunhas eloqüentes do dilúvio universal.

Com o cair do ano de 1958, demos por encerradas as nossas escavações em Caiacanga-Mirim e passamos a devassar outros sítios, igualmente ricos em material páleo-etnográfico.

Preliminarmente não nos afastamos da extensa planície, que abrange Caiacanga-Mirim, a Base Aérea, o Aeroporto, o Hipódromo, a Fazenda Experimental do Estado etc.

Nesta planície, reunidos numa área de poucos quilômetros quadrados, existem, pelo menos, cinco redutos do homem pré-histórico. A jazida de Caiacanga-Mirim, encontra-se junto da praia do mar, enquanto as quatro outras jazidas distam uns dois quilômetros da praia, beirando tôdas elas lugares alagadiços.

A primeira delas é um pequeno sambaqui, que dista, aproximadamente, um quilômetro de Caiacanga-Mirim, en-

contrando-se a uns cinquenta metros da estrada, que liga o aeroporto com a Base Aérea. Este sambaqui foi parcialmente destruído em 1958, por ocasião da abertura do canal de esgoto, das novas residências para Oficiais da Base. Recolhemos, na ocasião, alguns quebra-nozes, que haviam sido desenterrados pelos operários.

O segundo sambaqui, situa-se em terrenos de propriedade de Mauro José Leal, à esquerda da estrada Florianópolis-Aeroporto. Dista, aproximadamente, dois quilômetros de Caiacanga-Mirim e menos de um quilômetro do Aeroporto.

Este sambaqui ocupa uma área de novecentos a mil metros quadrados, mas foi, na sua quase totalidade, desmontado, anos atrás, sendo as cascas utilizadas para o calçamento da estrada. No dizer dos moradores antigos do lugar, tem aparecido muita ossada por ensejo da retirada das conchas.

O que resta deste sambaqui, encontra-se atualmente, na sua maior parte, encoberto pela grama de um pasto.

O quarto sambaqui da Ressacada, situa-se no pasto da Fazenda Experimental do Estado, no ponto onde termina a estrada, que dá acesso à Fazenda. Este sambaqui tem uns cem metros de comprimento por cinco de largura. A camada de conchas, porém, é de apenas vinte e cinco a trinta centímetros de espessura. Foi muitas vezes, superficialmente, revirado pela enxada do lavrador. Devido a isto, a sua superfície acha-se juncada de toda sorte de objetos líticos, como quebra-coquinhos, machados, amoladores etc. Mas, em algumas sondas rápidas, feitas em diversos pontos desta jazida, não assinalamos vestígio algum de esqueleto humano.

Distante pouco mais de dois quilômetros de Caiacanga-Mirim, nos fundos da Fazenda do Biduschi, atualmente pertencente ao Sr. José Elias, existe outro sambaqui. Este casqueiro, coberto de relva e sombreado por dezenas de goiabeiras, também foi parcialmente desmontado na época da construção da estrada da Base Aérea. Ocupando uma área de oitocentos metros quadrados, aproximadamente, eleva-se muito pouco acima do nível do solo, mas possui metro e meio de espessura de conchas. Na primeira visita rápida àquele sambaqui, em meados de 1958, topamos com restos de uma caveira, que aflorava à superfície das conchas e apresentava a abrasão característica dos dentes do homem do sambaqui. No intuito, de fazer um estudo comparativo, entre os construtores da jazida de Caiacanga-Mirim e o autêntico homem

do sambaqui, fizemos em princípios de 1959, algumas tentativas de escavação neste sambaqui.

O sambaqui acha-se revestido de um tapete de grama, e esparsos por toda a superfície encontram-se arbustos, particularmente goiabeiras (*Psidium guyava*) e aroeiras (*Lithraea brasiliensis*). Um corte esquemático (fig. 1) nos revela a seguinte distribuição:

1. Camada de conchas de mistura com terra preta. A espessura desta camada oscila entre trinta e cinquenta centímetros. A fauna malacológica predominante, nesta camada, é das espécies *Amianthes purpurata* Lam.; encontrando-se nela raros exemplares de *Phacoides pectinatus* Gmelin, *Strophocheilus ovatus* Müller e ostras (*Ostrea arborea* Chemnitz). Ocorrem nesta camada com frequência, restos de ossos de mamíferos, aves e peixes; bem como quebra-coquinhos e grande número de seixos de fractura irregular, não trabalhados, e abundante carvão vegetal.

2. Camada de areia, finamente granulada de dunas, de mistura com conchas. Esta camada oscila entre quarenta e cinquenta centímetros de espessura. A fauna predominante nesta camada são as ostras, ocorrendo as outras espécies supracitadas com menos frequência.

Aparecem nesta camada também, com menos frequência, seixos, restos de ossos e carvão. Em certas secções, esta camada é formada de areia quase pura, sem mistura de conchas.

3. Camada de conchas de mistura com areia grossa, mais escura, e abundante farelo de conchas, oscilando entre cinquenta e sessenta centímetros de espessura.

Esta camada compõe-se de preferência de ostras, ocorrendo nela muito menos exemplares de *Amianthes purpurata* Lam. e *Anadara notabilis* Gmelin. Aparece nela ainda carvão vegetal, algum seixo e fragmentos de osso.

O areião misturado com farelo de concha, a determinado nível forma uma raia nítida, de côr ferruginosa escura, lembrando o fim da praia, que, atualmente, se encontra alguns quilômetros afastada, no mesmo nível. Tudo faz crer, que este sítio, em épocas remotas, era banhado pelas águas da Baía do Sul.

4. Segue-se areia lamacenta argilosa, com raros seixos, alguma concha e ainda vestígios de carvão, tudo banhado de água de profundidade.

Não assinalamos, neste sambaqui, a presença de cerâmica, nem, tão pouco, de pedra ou outro objeto polido. O material lítico, que aparece, consta de fragmentos irregulares de

rocha. Os únicos exemplares que ostentam sinais inequívocos de uso, são os quebra-coquinhos. Recolhemos dez exemplares. Apresentam-se como seixos irregulares de granito ou basalto, cujo pêso oscila entre cento e dez e duas mil e trezentas gramas.

O maior deles é um pedaço de granito, de forma irregular. Tem o comprimento máximo de 16 cm e largura máxima de 11 cm por 8 cm de espessura. Em uma das faces apresenta, uma ao lado da outra, duas cavidades afuniladas, de aproximadamente 0,5 cm de profundidade, por 3 cm de boca, que o caracterizam como quebra-coquinhos. Na face oposta, possui terceira cavidade, esta um pouco mais profunda (0,8 cm) e de boca mais alongada.

O segundo é um pedaço achatado de basalto, que pesa 2000 gramas. Tem 14 cm de comprimento e outro tanto de largura, sendo a espessura de 5 cm. Numa das faces apresenta a cavidade característica de quebra-coquinhos. Esta cavidade, no exemplar em foco, é pouco profunda, apenas 2-3 mm por 2 cm de abertura.

O terceiro é um pedaço alongado de basalto de 16 cm de comprimento, por 10 de largura e 5,5 de espessura. Este exemplar apresenta em uma das faces uma cavidade regular de 0,5 cm de profundidade por 2 cm de abertura. Na outra face apresenta diversas cavidades poucos profundas.

Os números 4, 5, 6 e 7 são pedaços de granito de, respectivamente, 1500, 1150, 1000 e 880 gramas de pêso, tendo todos a cavidade característica, apenas em uma das faces, com exceção do número 7 que apresenta uma cavidade em cada face.

O número 8 é um pedacinho de basalto, de 360 g de pêso, 7,5 cm de comprimento, 6,5 cm de largura e 5 cm de espessura, de secção quase triangular. Difere dos outros por apresentar a cavidade característica de quebra-noz, bastante aprofundada, em três faces distintas.

Não descobrimos na jazida outros esqueletos humanos.

B. NO RIO TAVARES

A oeste da Ilha de Santa Catarina, onde o lance norte de montanhas vem morrer suavemente, nasce o Rio Tavares. Costeando as montanhas, vai serpenteando preguiçosamente pela planície em sentido Oeste-Leste, engrossando mais e mais, com os regatos tributários que lhe vêm das encostas dos

morros vizinhos. Depois de atravessar a Ilha, quase de praia a praia, numa extensão de seis quilômetros, rodeado de extensos pantanais e manguezais, vai despejar as suas águas lamacentas na Baía do Sul, no lugar onde acaba a Costeira e toma início a Ressacada. O curso dêste rio está entrelaçado com uma cadeia de pequenos sambaquis, cinco ao todo, uns mais, outros menos ricos em conchas. Todos êstes sambaquis, à semelhança das jazidas da Ressacada, estão beirando terrenos alagadiços.

O primeiro deles, situado em terrenos de propriedade de Marcelino Cândido Machado, dista menos de um quilômetro da foz do Rio Tavares. Possuía passante de dois metros de altura.

Atualmente sobram dele, apenas, míseros restos. Foi explorado anos atrás, sendo as conchas aproveitadas para o calçamento da estrada. Situava-se, entre blocos de granito, à encosta do morro, ocupando uma área de aproximadamente 350 metros quadrados. No dizer do proprietário, parte das caveiras que atualmente se encontram no museu páleo-etnográfico do Colégio Catarinense procedem daquele sambaqui, tendo sido retiradas pelo sr. Carlos Berenhäuser, já falecido. O material lítico, anda espalhado, à granel, nos arredores.

O segundo sambaqui situa-se a uns três quilômetros da foz do rio, numa fazenda de propriedade do Sr. Adauto Felix Maciel. Ocupa uma área de, aproximadamente, cento e oitenta metros quadrados. A camada de conchas atinge, no máximo, uns setenta centímetros de espessura, não se elevando, porém, acima da superfície do solo. Atualmente, tôda a área do casqueiro está ocupada por uma roça de mandioca. Além de fragmentos de ossadas humanas, acha-se espalhado na superfície do sambaqui abundante material lítico.

O terceiro sambaqui, encontra-se, parcialmente, sob o leito da estrada, no ponto onde a estrada Rio Tavares desvia da estrada Florianópolis-Armação do Sul. As cascas dêste sambaqui, parcialmente, foram utilizadas para o calçamento da estrada, tendo sido retirados, na ocasião, esqueletos humanos, junto com as conchas.

O quarto sambaqui situa-se num pasto de propriedade de Saturnino Rocha. Parece apresentar tão somente camada muito fina de concha.

Nos fundos de um pequeno sítio, de propriedade do sr. Hipólito Chagas, morador de Florianópolis, encontra-se um quinto sambaqui. Situa-se a uns trezentos metros da Estrada

do Rio Tavares, do lado oposto do mar, distante uns mil e quinhentos metros da praia do mar grosso. Entre este sambaqui e o Rio Tavares, que na zona representa apenas um córrego, medeiam duzentos e cinquenta metros de terreno pantanoso. Do outro lado do rio, uma ascensão brusca do terreno, coberto ainda de mata-virgem, marca o começo do lance norte de montanhas da Ilha de Santa Catarina.

Na primeira sonda rápida, feita naquele casqueiro, a uma profundidade de setenta centímetros, demos, diretamente, com uma caveira humana. Interrompendo o nosso trabalho na Ressacada, procedemos a uma exploração sistemática desta jazida, cuja área não ultrapassava em muito os cem metros quadrados. O terreno apresenta-se em declive suave. E' superficialmente revestido de relva e, mais acima, de capoeira, entremeada de numerosos tocos de pitangueiras, que, decepadas pelos lenhadores, haviam lançado novos rebentos.

Uma secção esquemática da jazida, apresentaria a seguinte configuração (fig.2):

1. Uma primeira camada superficial de 5 a 20 cm de espessura, composta de húmus e areia trazida pelas águas de aluvião. E' areia das antidunas, que em tôda aquela região, vagarosamente, vai conquistando a área pantanosa, que margeia o Rio Tavares. Nesta camada encontramos, apenas, restos da cultura atual, de vez que, sôbre o mesmo local do sambaqui, elevava-se outrora uma choupana, habitada por um homem de côr.

2. A segunda camada, formada de conchas, variava muito em espessura. Alcançando a espessura máxima de 50 cm junto de um poço de água potável, na extremidade sueste da jazida, reduzia-se, em certas secções a apenas um filete de conchas que estavam de mistura com terra preta, carvão, fragmentos de ossos e raro material lítico. No material conchífero, constatamos a presença das seguintes espécies, classificadas pelo Dr. Hugo Souza Lopes, do Instituto Osvaldo Cruz, Manguinhos, Rio de Janeiro: *Anadara notabilis*, Roding; *Arca auriculata*, Lamarck; *Phacoides pectinatus*, Gmelin; *Ostrea arborea*, Chemnitz.

Com mais frequência ocorria a ostra (*Ostrea*), que em certas zonas era a única espécie, a constituir a camada de casca.

3. A camada de conchas, seguia terceira camada areenta, de côr amarela, dura e compacta, que dava a impressão de ter sido amassada.

E' esta a camada mais importante, sob o ponto de vista páleo-etnográfico. Nela se encontram esqueletos humanos,

ossos esparsos de mamíferos, aves e peixes, alguma concha isolada, restos de carvão e abundante material lítico.

Atacamos a jazida do lado leste, à beira do pântano. No primeiro dia apareceram, apenas quebra-coquinhos, alguma cunha alisada e outro material lítico. No segundo dia, avançando mais do lado sul, chegamos ao esqueleto que havíamos localizado no ano anterior, por ocasião da nossa primeira sonda naquela jazida. O esqueleto estava deitado de lado, com o crâneo dirigido em sentido norte e a face voltada para o ocaso. Não estava enterrado à semelhança dos esqueletos da jazida de Caiacanga-Mirim em posição estendida, mas tinha as pernas encolhidas e as mãos junto à face. Estava como que acorocado. Não havia, porém, vestígio algum de urna funerária ou de qualquer outro invólucro protetor do cadáver. Em toda esta jazida, não foi possível constatar resto algum de cerâmica, ao passo que a menos de um quilômetro da jazida, o subsolo está literalmente minado de cerâmica de origem guarani. Este fato indica que se trata de uma cultura diferente, anterior à cultura tupi-quaraní. O esqueleto, comparado com a maioria dos esqueletos de Caiacanga-Mirim, encontrava-se em mau estado de conservação. Todos os ossos estavam partidos em grandes número de fragmentos, tendo os planos de fractura já parcialmente decompostos. Este detalhe vem dificultar enormemente qualquer tentativa de reconstituição. Nos dentes nota-se o desgaste característico, que é habitual aos esqueletos dos sambaquis. As arcadas super-orbitárias, nos parecem bem mais salientes do que nos esqueletos de Caiacanga-Mirim e a fonte mais fugida.

A distância de um metro deste esqueleto, localizamos restos de um esqueleto de criança. Faltava o crâneo, o tronco e os membros superiores. Havia, apenas, parte da bacia e dos membros inferiores. Junto deste esqueleto havia um pequeno machado de faces em desnível, mas polido com bastante capricho. É este talvez o objeto, que apresenta gosto artístico mais apurado, em toda aquela jazida. A distância de uns dois metros do esqueleto de criança, apareceu segundo esqueleto de adulto. A semelhança do primeiro tinha os membros inferiores encolhidos e as mãos junto da cabeça. O crâneo, porém, estava orientado em sentido oposto, isto é, sudoeste. Estava deitado de lado, com a face voltada para o ocaso. O estado de conservação era péssimo. O crâneo estava completamente fragmentado e amassado, a mandíbula partida ao meio, restando apenas alguns dentes; a ossada toda fragmentada e os planos de fractura em estado avançado de decomposição. Os dentes apresentavam a abrasão caracterís-

tica do homem do sambaqui. Distante uns três metros dêste esqueleto, a um metro do esqueleto da criança, encontramos o terceiro esqueleto de adulto. O esqueleto em foco ficava diretamente sob uns tocos de pitangueiras (*Stenocalyx Michellii*, mirtácea que se caracteriza por comprida raiz mestra axial. Este detalhe veio atrapalhar sobremaneira a nossa tarefa. O emaranhado de raízes da pitangueira, constituía uma ameaça permanente para a ossada frágil do nosso esqueleto.

Depois de um trabalho paciente de horas, ficou evidenciado, tratar-se de dois esqueletos, ficando um por cima do outro. O esqueleto superior estava muito incompleto. Falavam as extremidades dos membros inferiores até a metade da tíbia e do perônio. Do crânio e do tronco restavam, apenas, fragmentos. Este esqueleto, contrariamente aos outros, estava deitado ao comprido em direção oeste-leste, tendo o crânio voltado para o leste.

O esqueleto de baixo estava mais completo, ocupando direção norte-sul, tendo o crânio orientado em sentido norte (noroeste). Tinha os membros inferiores encolhidos e as mãos junto da cabeça, à semelhança dos outros esqueletos. A ossada toda, porém, estava partida em inúmeros fragmentos e os planos de fractura em estado avançado de decomposição. Com o fim de tentar uma reconstituição do crânio "in loco", protegemos os esqueletos com sacos, táboas e terra, deixando tudo no lugar. Voltando, dias depois, ao lugar encontramos os esqueletos estragados pelos moradores vizinhos, que, por curiosidade, haviam retirado, de cima das carcaças, a coberta protetora.

O que apareceu, daí em diante na jazida eram, apenas, vagos contornos de quatro esqueletos, completamente decompostos, dentro da camada de areia quase pura. Os esqueletos da Base Aérea, na sua grande maioria, estavam em estado de conservação muito melhor.

4. Seguia-se quarta camada, formada de areia argilosa, com veios cor-de ferrugem (óxidos de ferro) e água de profundidade do banhado vizinho.

UTENSÍLIOS E ENFEITES

Não encontramos, na bagagem cultural daquele povo, utensílio algum, que não fôsse de pedra.

Tôda a equipagem de madeira, de osso, de concha, de fibra, que, acaso, posuíssem, fôra consumida pela lima destruidora dos séculos. O próprio material lítico da jazida, já de sua natureza pobre e precário, quando confrontado com Caiacanga-Mirim, sofrera rudemente, sob a ação devastadora do tempo e da humidade. No entanto, por mais primitivo e rudimentar que fôsse aquêlê povo, nos seus traços culturais, não estava despido de todo, do amor à arte e ao belo, que parece inato à natureza humana. Este gôsto artístico, deixou-o expresso nos seus instrumentos de trabalho e nos seus enfeites. De enfeites restava, na jazida, apenas, o suficiente, para provar que não os desconheciam de todo. A saber, um único tembetá de pedra. Trata-se de pequena peça de basalto claro, precisamente côr da borracha para apagar escrita, em forma de fuso, um pouco achatado, de 18,5 g de pêso, 56 mm de comprimento, 18 mm de largura e 13 mm de espessura. Tôda a superfície estava cuidadosamente alisada.

MACHADOS DE PEDRA. Foi relativamente pequeno o número de machados de corte alisado, encontrados na jazida. A saber, quatro machados inteiros e dois fragmentos.

Tão pouco aparecia na jazida algum machado inacabado, isto é, apenas lascado lateralmente nas arestas, mas sem corte alisado, tal qual, em Caiacanga-Mirim, estavam espalhados em profusão. Essa escassez de machados era de estranhar, de vez que o machado de pedra, por tôda a parte, tem constituído o instrumento número um nos apetrechos do homem primitivo. Um exame minucioso, porém, do abundante material lítico, recolhido na jazida, veio esclarecer o assunto. Os machados aí estavam, apenas eram de feitio diferente, isto é muito mais simples e primitivos, do que nós esperávamos e, secretamente, desejaríamos. Constavam de simples lascas naturais, mais ou menos laminares de basalto, do tamanho de machados comuns, mas, que não apresentavam, lascamento artificial, nem alisamento de espécie alguma.

No entanto, uma, por vêzes até duas arestas cortantes, mais ou menos vivas, danificadas, até denteadas, pelo uso, caracterizavam-se indubitavelmente como machados de pedra. Este instrumental lítico é tão primitivo que, não fôsse recolhido, casualmente, numa jazida provavelmente páleo-etnográfica, ninguém lhe ligaria importância, e nem sequer descobriria nele sinal algum de uso humano. Quem, imbuído das concepções culturais e artísticas modernas, procurasse numa jazida páleo-etnográfica, apenas, pedrinhas mais ou menos

alisadas, objetos simétricos e mimosos, quais produzem as indústrias plásticas do século vinte, ficaria longe da realidade objetiva, nua e crua, das coisas e jamais penetraria nos segredos íntimos da pré-história.

Como matéria prima para a confecção dos machados serviam-se, exclusivamente, do basalto. A aparência do primeiro machado alisado sugere que, para a sua confecção, lançassem mão de um seixo rolado pelas águas (cascalho), o qual foi munido de corte cuidadosamente alisado. Resultou, daí, um machado perfeitamente alisado em toda a sua superfície, qual não encontramos semelhante na coleção de Calacanga-Mirim. O machado em questão, foi encontrado junto de um esqueleto de criança. As faces apresentavam-se levemente convexas, mas em desnível, como se a peça tivesse sofrido uma leve torção em ambas as extremidades. O corte está um pouco danificado pelo uso.

Pêso: 570 g; comprimento: 132 mm; largura máxima: 72 mm; espessura máxima: 35 mm.

O segundo machado consta de um fragmento laminar de basalto, que sofreu alisamento, apenas, no corte. O corte em curva suave, oblíqua às arestas, é muito bom. No meio de uma das faces apresentava leve depressão, que sugere um uso suplementar como quebra-coquinhos. A cabeça apresenta algumas superfícies de lascamento, provenientes, talvez de um uso suplementar como instrumento de percussão. Pêso: 190 g; comprimento: 85 mm; largura: 62 mm; espessura: 21 mm.

O terceiro é um machado, quase triangular. Apresenta em toda a superfície vestígios de lascamento e alisamento. O corte não está muito bem acabado. Pêso: 165 g; comprimento: 91 mm; largura máxima: 55 mm; espessura máxima: 22 mm.

O quarto machado apresenta quase toda a superfície alisada, com poucos vestígios de lascamento. O corte é estreito e obtuso dando-lhe a aparência de uma cunha. Ao redor do corte há diversas incrustações de material estranho (pórfiro amigdalóide). Pêso: 510 g; comprimento: 110 mm; largura máxima: 33 mm.

O primeiro fragmento de machado consta de corte perfeitamente alisado e sem sinais de uso, e parte (1/4?) do cor-

po. Pêso: 74 g; comprimento: 37 mm; largura: 58 mm; espessura: 25 mm.

O segundo é um pequeno fragmento de machado, constando de parte (1/3?) do corte e pequena parte do corpo. O corte, perfeitamente alisado, não apresenta sinais de uso. A superfície do fragmento está toda alisada. Pêso: 28 g; comprimento: 46 mm; largura: 31 mm; espessura: 20 mm.

QUEBRA-COQUINHOS. Os utensílios líticos, que em maior número apareciam naquela jazida eram os quebra-coquinhos ou quebra-nozes. Recolhemos deles passante de quarenta e cinco exemplares. Apresentam-se como seixos irregulares, sem forma ou tamanho definido e sem vestígio de alisamento ou mesmo lascamento simétrico. Todos êles, porém, apresentam em uma ou duas faces, uma, raras vezes duas ou mais, pequenas cavidades, destinadas a receber sementes a serem quebradas. O material tanto pode ser basalto como granito, e, às vezes, até é quartzito (sílica). O pêso varia de 100 a 2700 g. Não há nenhum muito volumoso; são predominantemente de tamanho pequeno e médio (100 a 400 gramas).

O aparecimento de número tão elevado de quebra-coquinhos na jazida, sugere que aquêles povo, nas suas refeições, se servisse abundantemente de sementes (coquinhos, nozes, castanhas etc.).

PESOS DE RÊDE. Recolhemos na jazida uns dez exemplares de objetos líticos, que consideramos como pedras destinadas a lastrar as rêdes de pesca. São seixos, também êstes, sem forma ou tamanho definido, oscilando entre 130 e 650 gramas de pêso. Em nenhum deles aparece algum sinal de alisamento, mas todos êles possuem detalhes laterais, bastante característicos e artificialmente cinzelados, destinados a servirem de leito às amarras da rêde.

Um confronto da jazida de Caiacanga-Mirim com a de Rio Tavares, nos leva às seguintes conclusões. Em Caiacanga-Mirim, fora de qualquer dúvida, estamos em presença de um povo de cultura bem mais adiantada, que nas suas lides diárias, servia-se, com preferência, de utensílios polidos; os seus machados tinham na maioria o corte alisado. Conheciam a cerâmica e possuíam inclinação acentuada para enfeites: tembetás, amuletos, colares etc. Serviam-se do arco e da flecha; os produtos da caça e da pesca constituíram a sua ali-

mentação principal. Preparavam os seus alimentos em fogões improvisados de pedra. Enterravam os defuntos, às vezes coberto de enfeites, estendidos ao comprido, em covas rasas feitas na areia da praia.

Os construtores da jazida do Rio Tavares, evidentemente, pertenceram a uma tribo de hábitos diferentes. Eram pobres em utensílios de pedra polida. Em larga escala, lançavam mão de fragmentos naturais de pedra, nos seus afazeres cotidianos. Geralmente não se davam ao trabalho de dar a êstes machados naturais um aperfeiçoamento maior, por meio de lascamento ou polimento ulterior.

Ignoravam o uso da cerâmica. Serviam-se também de enfeites, mas em escala muito menor.

Alimentavam-se abundantemente de polpas de sementes, frutos e moluscos. Os pesos para rêdes de pesca, atestam que, também, o peixe fazia parte do seu menu.

Enterravam os seus defuntos, não estendidos, à maneira dos moradores de Caiacanga-Mirim, mas de membros encolhidos, como que acorados, em covas batidas de areia e argila.

A cultura mais rudimentar e o péssimo estado de conservação dos esqueletos, parecem indicar que a jazida do Rio Tavares é bem mais antiga, do que a jazida de Caiacanga-Mirim. Êstes critérios, porém, não são absolutos de vez que, para a conservação dos esqueletos concorrem particularmente, as condições do ambiente, em que foi feito o sepultamento. O areião grosso de mistura com farelo de conchas de Caiacanga-Mirim, favorecia melhor a conservação dos esqueletos, do que a areia e a argila da jazida do Rio Tavares. Os traços culturais mais rudimentares e, ao nosso ver moderno, atrasados, do povo do Rio Tavares, também não constituem um critério absoluto de antiguidade porque, ainda hoje em dia vemos a coexistência, no mesmo país, de culturas, umas muito mais adiantadas do que as outras.

O velho Sr. Carlos Berenhäuser, com ou sem razão, atribuía estas diferenças ao fato de terem existido na Ilha, povos diferentes, uns mais mandriões e desleixados, e outros mais esforçados e caprichosos no preparo do seu instrumental lítico.

C. NO RIO VERMELHO

Em "Contribuição ao Estudo da Planície sedimentar da

parte norte da Ilha de Santa Catarina”, J. J. Bigarella situa 12 sambaquis, localizados ao norte de uma linha, que unisse as povoações de Rerituba a leste, na Baía do Norte e Rio Vermelho a oeste, próxima às praias do mar grosso. Três destas jazidas encontram-se no Rio Vermelho. Uma delas está nas dunas, a poucos metros da praia do oceano, chamada Praia Grande ou praia do Moçambique; as outras duas, encontram-se a um quilômetro da praia do oceano e a cem metros da grande Lagoa da Conceição. Esta Lagoa estende-se, desde o Rio Vermelho, por uns bons quinze quilômetros para o sul, até as proximidades do Rio Tavares, ladeando, de um lado, o lance norte de montanhas e mantendo-se, do outro, paralela à praia do Oceano Atlântico.

O sambaqui da Praia Grande é muito extenso, ocupando uma área de uns dois mil metros quadrados. A camada de conchas atinge a espessura de três a quatro metros. Não é fácil determinar-se a área exata, nem tão pouco localizá-lo nos altos e baixos dos cômodos, por achar-se encoberto pelas areias movediças das dunas. Alguns anos atrás, foram feitas escavações naquele sambaqui, pelo Sr. Dr. Norton de Oliveira, que encaminhou ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, algumas caveiras nêle encontradas. Uma tentativa de escavação, levada a efeito por nós, em julho de 1958, resultou infrutífera. Dia e meio de trabalho de dois operários, não rendeu senão ossos de baleia, geralmente semi-carbonizados, pedaços de chifre de veado, queixadas de anta, dentes de porco do mato, abundante carvão e grande número de seixos angulosos e de fractura irregular, em que não se reconhece trabalho humano.

Em julho de 1959, em companhia de Rubens Müller S. J. e um operário, tornamos ao sambaqui da Praia Grande. Desta vez os nossos esforços foram coroados de êxito. Iniciamos as escavações do lado oeste, frente ao oceano onde o sambaqui apresenta um barranco, proveniente da retirada de conchas pelos moradores circunvizinhos para o preparo de cal. O material conchilífero recolhido, acusa, como fauna malacológica dominante no sambaqui, as seguintes espécies (classificação feita pelo Sr. Dr. Hugo de Souza Lopes):

1. *Amianthes purpurata*, Lamarck.
2. *Anomalocardia brasiliiana*, Gmelin.
3. *Donax hanleyana*, Philippi; chamada, vulgarmente, moçambique e que deu o nome à “Praia do Moçambique”.

4. *Phacoides pectinatus*, Gmelin.
5. *Anadara notabilis*.
6. *Brachiontes darwinianus*, Orbigny; vulgarmente chamado marisco.
7. *Olivancillaria auricularia*, Lamarck; chamada pelos ilhéus: linguaruda.
8. *Strophocheilus ovatus*, Müller; caracol terrestre, vulgarmente chamado "búzio".
9. Ostras.

Após algumas horas de trabalho, a metro e meio de profundidade, em meio às conchas, topamos com restos de dois esqueletos de crianças. Um deles estava rodeado de fina e esvaída camada de barro vermelho, tendo os ossos pintados da mesma côr. O outro estava rodeado de fina camada de areia branca das dunas. Pouco depois, à mesma profundidade, apareceram restos de terceiro esqueleto de criança, igualmente em muito mau estado de conservação.

A grande sensação da temporada foi, quando despontou, finalmente, o crânio de um indivíduo adulto na beirada da parede de conchas. Encontrava-se a dois e meio metros de profundidade e tinha posição oeste-leste. A cabeça estava orientada para o oeste, isto é, para o oceano e os membros tinham sentido leste, estendendo-se verticalmente à parede, para dentro do amontoado de conchas.

Vimo-nos, daí, forçados a retirar cuidadosamente, passando de cinco metros cúbicos de material conchífero, para deixar o nosso homem a descoberto, numa cova profunda, aberta do lado do oceano.

O crânio, ao aparecer, apanhara fraca lambada de pá, que partiu o parietal esquerdo, atingindo a parte posterior do frontal.

O esqueleto estava completo, deitado ao comprido, de brucos, com o crânio orientado para o oeste e a face voltada para o lado esquerdo. Estava rodeado de uma camada de areia muito alva de uns dez centímetros de espessura que produzia o efeito de uma moldura para o esqueleto todo. Jamais encontramos esqueleto em posição tão vantajosa para a fotografia e tantos detalhes à vista como este homem do sambaqui da Praia Grandê. O esqueleto, pôsto o remate de cuidadoso trabalho de limpeza, por meio de abundante água do mar, que arrastava a areia e pequenos fragmentos de conchas, aparecia como desenhado sobre as conchas, com a sua moldura de areia muito branca. Deixava exposto à vista o crânio, a coluna vertebral, grande parte das costelas, os ossos da bacia,

as homoplatas, braços, mãos e pés com todos os ossinhos das falanges dos dedos.

Os ossos do esqueleto estavam pintados de vermelho. Este fato prova que o corpo dêste indivíduo, ao ser enterrado, fôra envolvido em fina camada de barro vermelho (ocre vermelho), salvo se admitirmos aqui segunda inumação, como usavam os homens de Cro Magnon e como está, ainda hoje, em uso entre os indígenas do Amazonas e outros grupos.

Esta "inumação dupla" estêve em uso, há milênios na primitiva Irlanda, Creta, Alemanha, França etc. Consistia em amarrar o moribundo ou o defunto, logo após a morte, de mãos e pés encolhidos, à maneira do feto no ventre da mãe, e enterrá-lo em terra úmida. Após um ano, decomposta a carne, o esqueleto era desenterrado, limpo de carnes, pintado de vermelho e então "inunado" segunda vez.

A cerimônia da dupla inumação, ao que parece, procedia-se apenas por ocasião da morte de um dos grandes chefes e, freqüentemente, era feita dentro de uma urna funerária. No dizer do Prof. Homet, certas tribos da Amazônia, modernizaram a técnica desta dupla inumação. Em vez de enterrar o cadáver durante um ano, supendem-no, durante uma noite, nas águas de um rio, infestado de piranhas. Estes peixinhos vorazes, encarregam-se de transformar o cadáver, em poucas horas, num esqueleto perfeitamente despido de carne.

No caso do nosso homem sambaquiano do Rio Vermelho, apesar de o esqueleto apresentar tintura vermelha, não nos parece admissível uma segunda inumação, por nos parecer impossível, que desenterrado o esqueleto, depois de decomposta a carne, o homem primitivo, conseguisse reunir tão natural e perfeitamente todos os ossinhos, tal qual observamos no esqueleto do sambaqui do Rio Vermelho. No entanto, não se exclui a possibilidade de que aquêles primitivos filhos da natureza, à semelhança dos seus irmãos amazonenses, lançassem mão de outros meios para limpar da carne o esqueleto dos seus entes queridos, que não fôsse o sepultamento.

Nós mesmo fizemos a experiência de deixar, durante meses, em água concentrada de sabão, o corpo de uma jararacussu.

Conseguimos, desta maneira, limpar, pouco a pouco, o delicado esqueleto de toda a carne, ficando, no entanto, os ossinhos, todos unidos e firmes, no seu lugar, pela cartilagem seca e endurecida.

Apesar de completo, o esqueleto, do Rio Vermelho, revelou-se de uma inconsistência extrema, partindo e esfarelando ao menor contato. Devido a isto, a reconstituição do crânio,

é problema assás delicado. Os dentes apresentam a abrasão característica em grau adiantado.

Também neste sambaqui, não foi assinalada a presença de cerâmica, no sentido de vaso de barro cozido: terracota.

A falta de cerâmica, pròpriamente dita, era compensada, porém, de uma maneira bastante original, por uma espécie de pré-cerâmica. Trata-se de grandes vasos de barro vermelho (ocre vermelho) **não cozidos**. Estes vasos eram confeccionados do mesmo barro vermelho, com que envolviam os cadáveres ou pintavam os ossos dos esqueletos. Encontramos bom número destas vasilhas, engastadas no monte de conchas e repletas do material componente do sambaqui. Alcançavam até 60 centímetros de altura tendo, neste caso, a boca uns 40 centímetros de diâmetro. A espessura das paredes destes vasos era irregular; alcançava 5 centímetros.

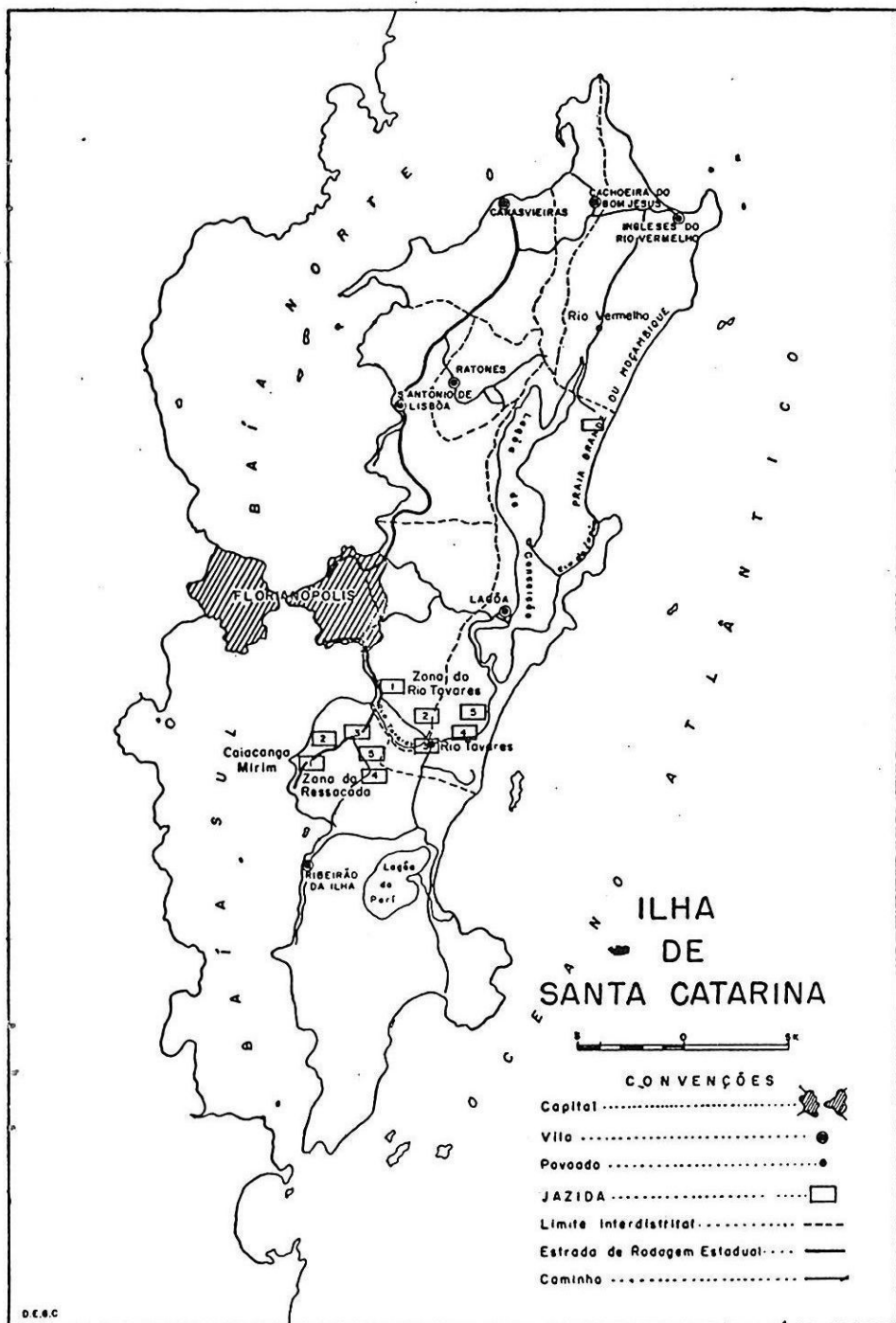
Não apresentavam vestígio de decoração. Um deles estava munido de tampa de osso de baleia. Era um destes grandes discos ósseos, que constituem as entevértebras do cetáceo. Em um deles encontramos, junto com as conchas que a enchiam, um tembetá de osso.

Trata-se de uma pequena lâmina óssea, resistente e fusiforme de 1,3 gramas de pêso, de 3,2 centímetros de comprimento e 1,3 centímetros de largura máxima, por uns 3 milímetros de espessura. Apresenta tôda a superfície cuidadosamente alisada. Em uma das pontas apresenta dois frisos decorativos transversais, como se observam, também, em muitos tembetás de pedra do museu etnológico do Colégio Catarinense.

Estes vasos de barro impermeável à água, podiam servir tanto para a conservação de tôda sorte de gêneros alimentícios, como para aquecer água e cozinhar alimentos. Neste caso, não se aqueceria a vasilha por fora, mas lançava-se uma pedra incandescente na água, que continha.

O extenso sambaqui da Praia Grande, guarda em seu seio, ainda, importantes segredos que, apenas, à custa de muitos suores, de muita paciência e de muita prudência, ser-lhe-ão arrancados. Ganância vil ou precipitação imprevidente, acabariam aniquilando, irremediavelmente, tesouros preciosos da pré-história catarinense.

Florianópolis, 30 de março de 1960.



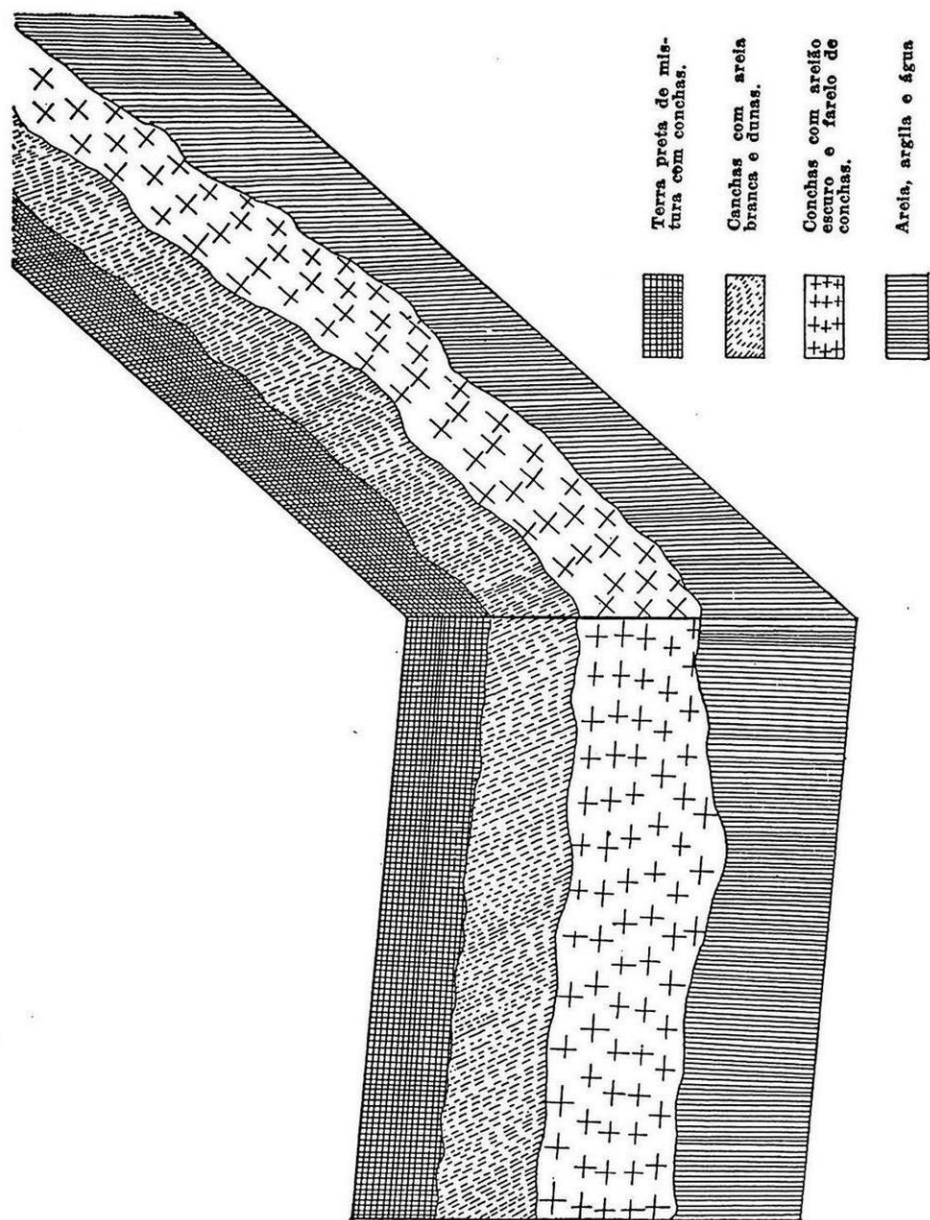


Fig. 1. Diagrama do cambaqui n.º 5 da Ressacada

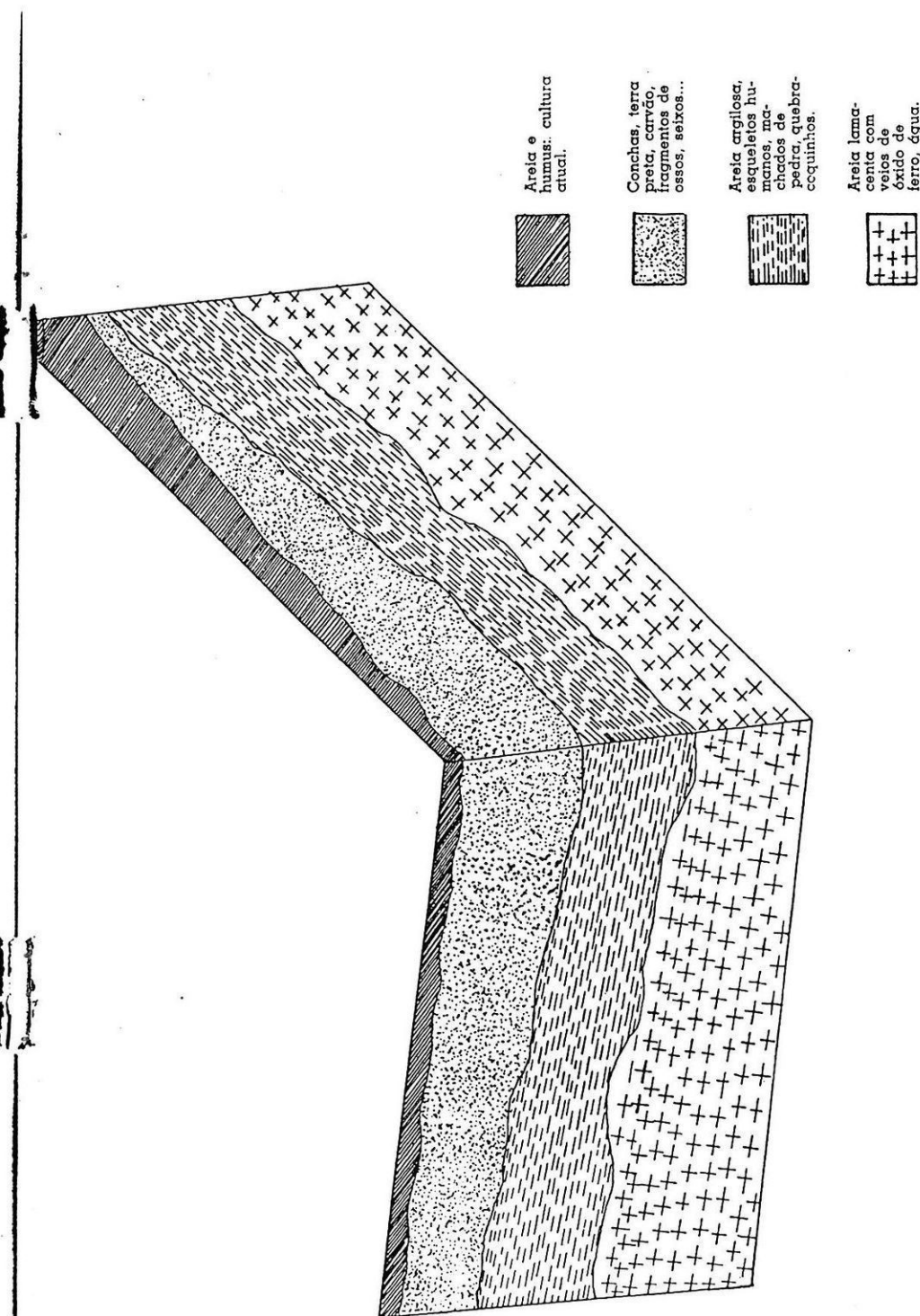


Fig. 2. Diagrama da jazida páleo-etnográfica do Rio Tavares

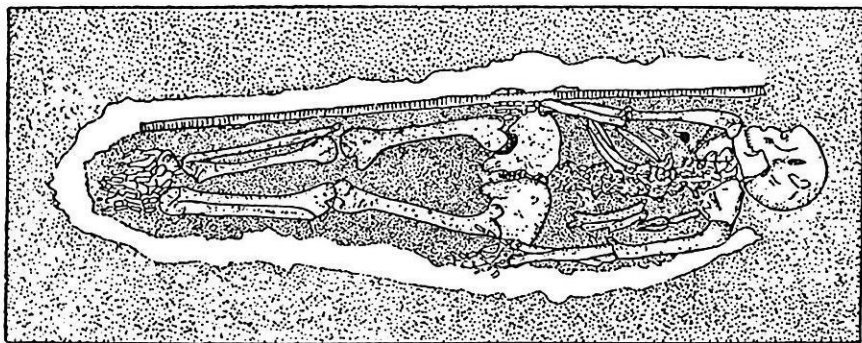


Fig. 3. Esqueleto de sambaqui de Praia Grande. Esqueleto completo, deitado de bruços, o crânio orientado para W., a face para o lado esquerdo; estava rodeado de uma camada de areia muito branca de uns dez cm de espessura.

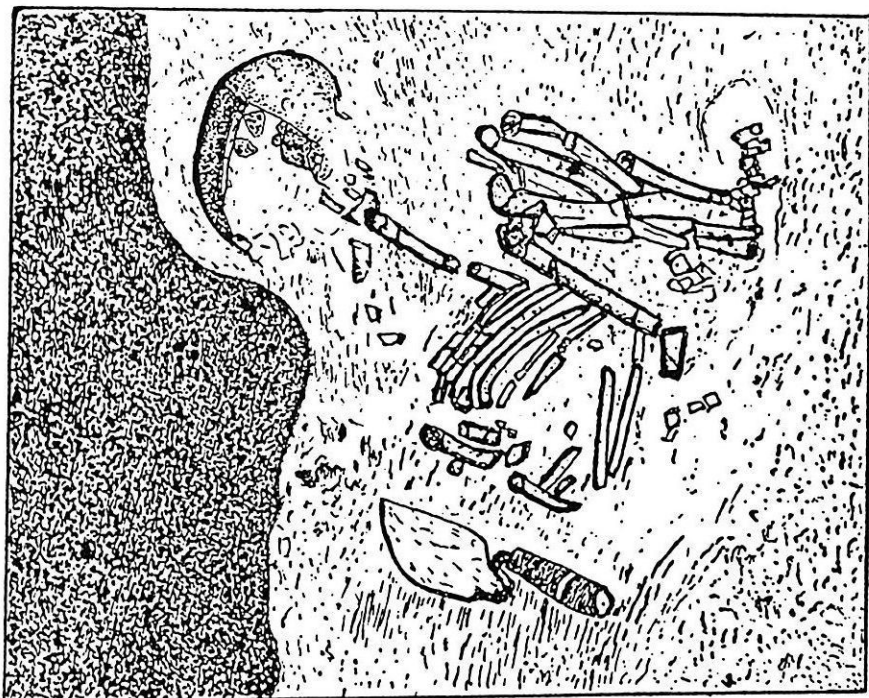


Fig. 4. O segundo esqueleto da jazida n. 5 do Rio Tavares. Posição encolhida, mãos junto da cabeça; crânio em direção SW, face voltada para W.

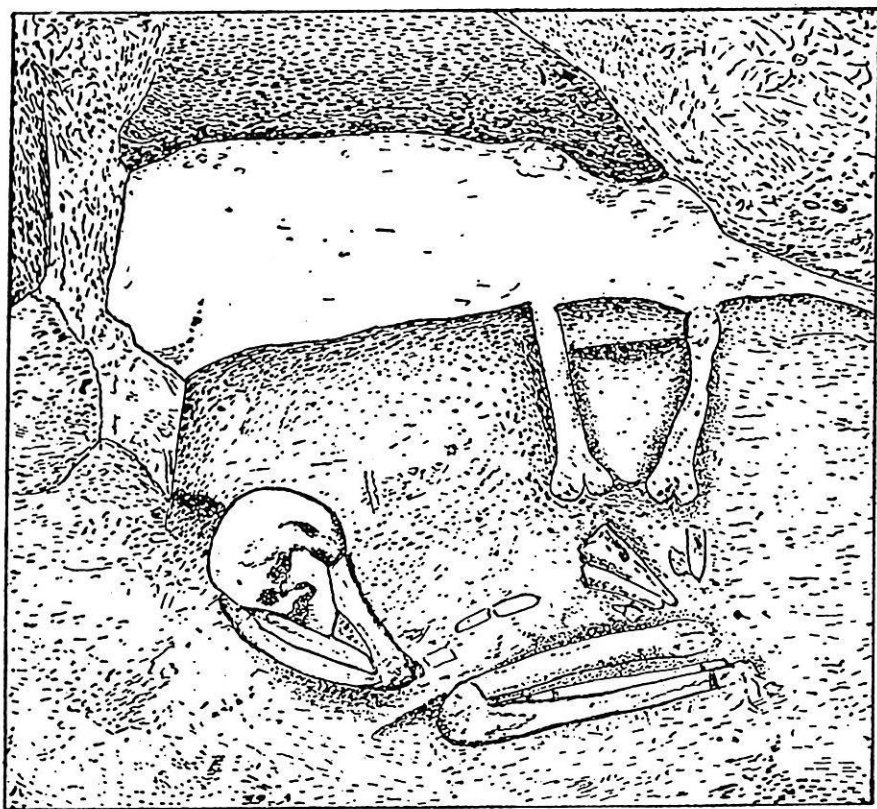


Fig. 5. Esqueletos 4 e 5 da jazida n. 5 do Rio Tavares. Embaixo um esqueleto em posição encolhida. Por cima, restos de um esqueleto em posição estendida, o único encontrado nesta posição.

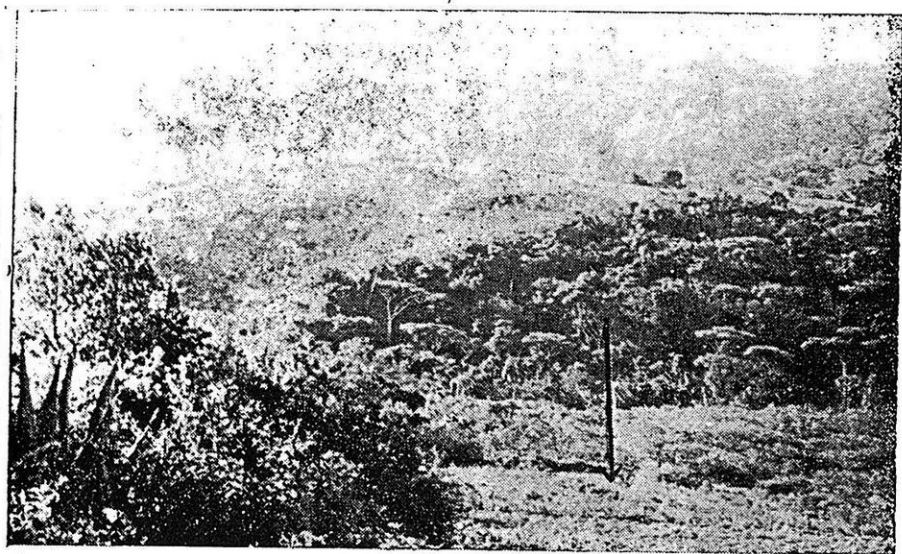


Fig. 6: A jazida
do Rio Tavares
vista da estrada.

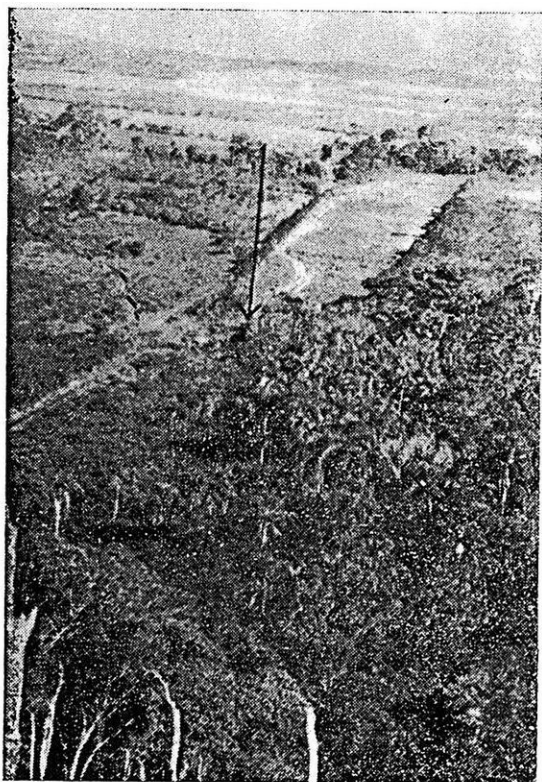


Fig. 7: A jazida do Rio Tavares vista dos morros vizinhos. No fundo
lagoinhas dunas e o mar.

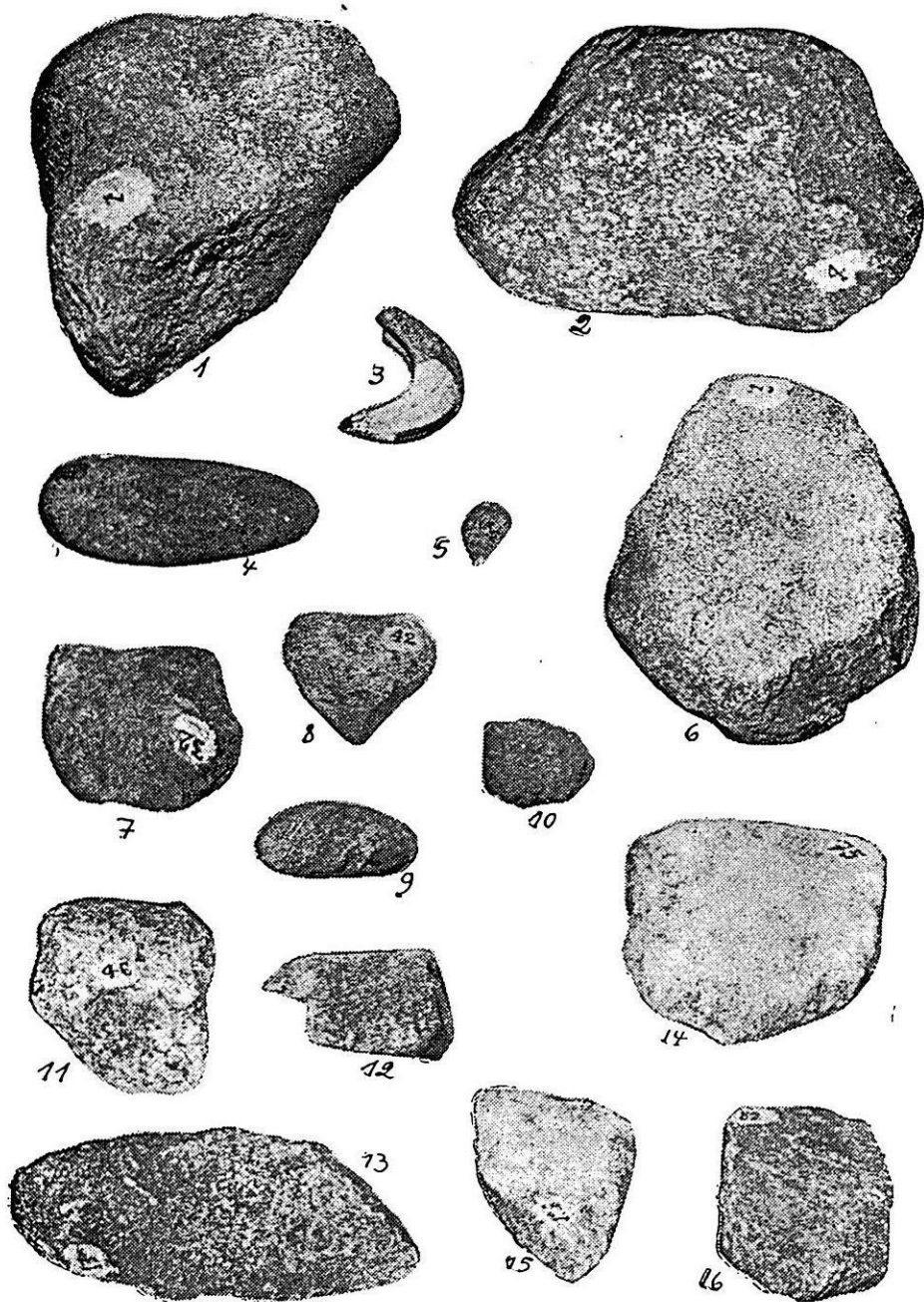


Fig. 8: MATERIAL LÍTICO DE RESSACADA, PRAIA GRANDE E RIO TAVARES: Ressacada: 1, 2, 6 — quebra-nozes; Praia Grande: 5 — tembetá de osso; Rio Tavares: 3 — dente de porco do mato; 4 — alisador, 7—10 — pedras e tinta vermelhas e amarelas, 11—13 — material não identificado, 14—16 — percussores munidos de pontas.

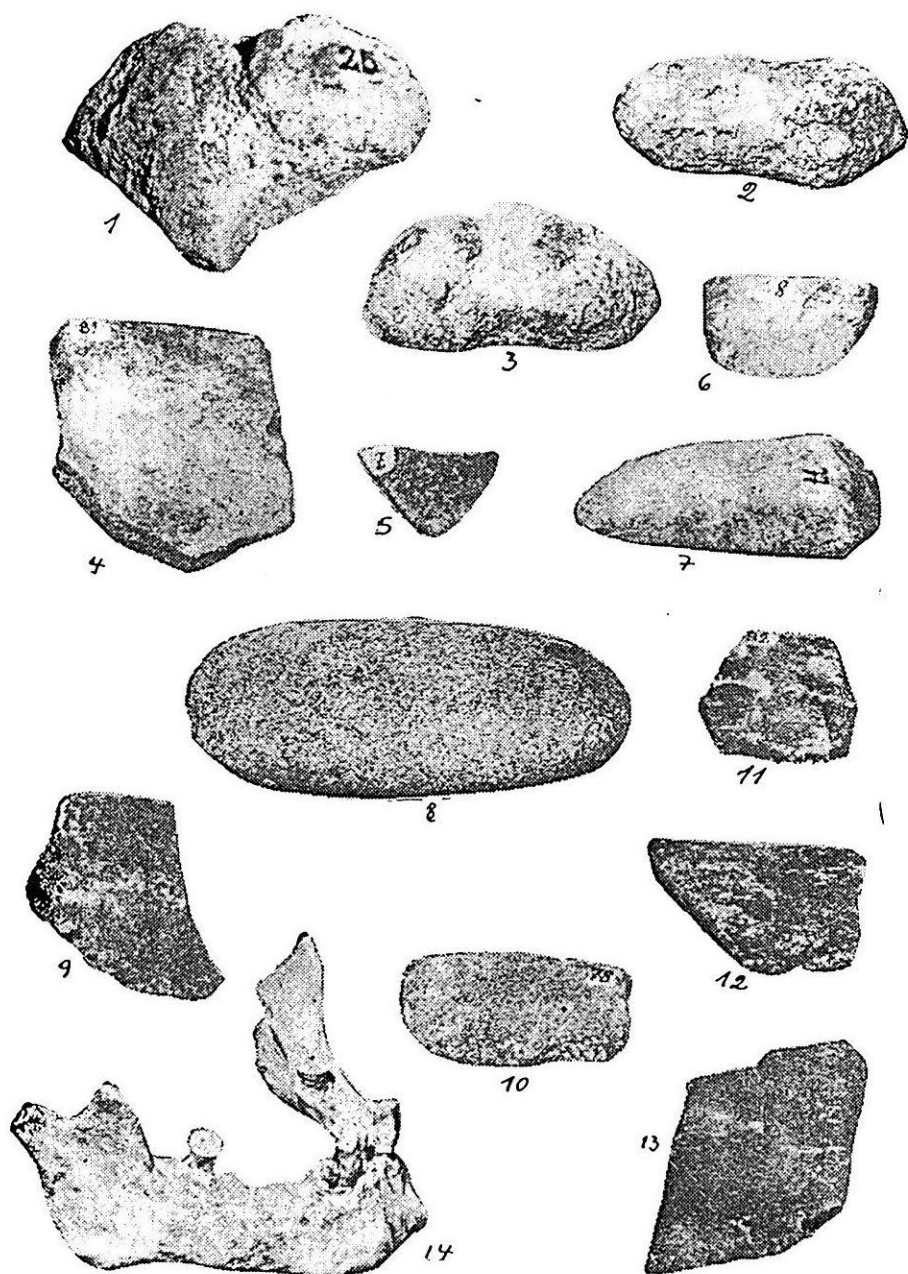


Fig. 9: MATERIAL LÍTICO DE RIO TAVARES: 1—3 — pêso de rede, 4 percussor de ponta, 5, 6, 10 — fragmentos de machados alisados, 7—8 — machados de pedra alisados, 9, 11, 12, 13 — machados rudimentares sem lascamento nem alisamento, 14 — mandíbula de um esqueleto de Rio Tavares.



Fig. 10. Vaso de barro não-cozido do sambaqui da Praia Grande, Rio Vermelho. Alt. 63 cm., diam. da boca 36 cm., espes. max. das paredes 2,5 cm. — Parede interna lisa, externa irregular com incrustações de conchas. (Para efeito fotográfico foi revestido internamente de areia).

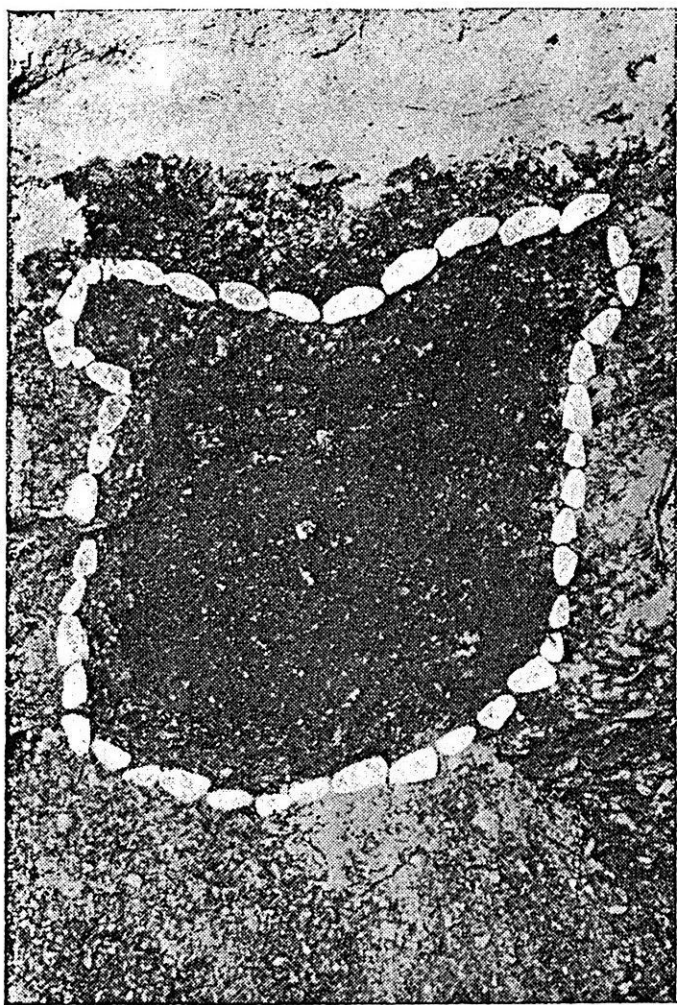


Fig. 11. Vaso de barro não-cozido, com tampa do mesmo material, encontrado no sambaqui da Praia Grande, Rio Vermelho. Alt. 28 cm., diam. 28 cm, espes. max. das paredes 4,5 cm. Encontrado uns 20 cm da superfície. (Para efeito fotográfico revestido exteriormente de conchas).

